



## PALAVRÃO: UM OLHAR SOBRE A POSSÍVEL NÃO-ARBITRARIEDADE DESTE SIGNO LINGUÍSTICO

Demócrito Cruz Santos (FAMA / SESI-SE)  
[denissou@gmail.com](mailto:denissou@gmail.com)

Kátia Regina Lopes Costa (FAMA / NPGED-UFS)  
[katia\\_rlc@yahoo.com.br](mailto:katia_rlc@yahoo.com.br)

**RESUMO:** O presente trabalho intitulado: “*PALAVRÃO: um olhar sobre a possível não-arbitrariedade deste signo linguístico*” buscou, através de pesquisa bibliográfica, distinguir um fenômeno que acontece dentro do léxico de palavras e expressões tidas como ofensivas. A possibilidade de esses vocábulos estarem dentro de um grupo linguístico onde a não-arbitrariedade do signo linguístico seja uma constante, nos remete a discussão que aborda uma visão diferente desses mesmos vocábulos, pois sendo eles frutos da necessidade humana de expressão e também produtos de uma possível seleção vocabular e fonética, ajuda-nos a entender mais sobre esse grupo tão discriminado. Percebeu-se que a arbitrariedade do signo pode ser produzida ou produto da intenção do falante, da expressividade negativa desses vocábulos ou do próprio processo de tabuização dessas palavras e expressões.

**Palavras-chave:** Palavrão. Não-arbitrariedade; Fonética.

**ABSTRACT:** The present work entitled "SWEARWORD: an approach about the possible non-arbitrariness of the linguistic sign" sought through literature, to distinguish a phenomenon that happens within the lexicon of words and expressions interpreted as offensive. The possibility that those words are within a linguistic group where the non-arbitrariness of the linguistic sign is a constant, leads us to discussion that deals with a different view of those words because they are fruits of the human need for expression and also products of a possible selection vocabulary and phonetics, helps us understand more about this group so discriminated against. It was noticed that the non-arbitrariness of the linguistic sign can be produced or product of the intention of the speaker, of the negative expressiveness of these words or of the process of formation these words and expressions.

**KEY WORDS:** Swearword. Non-arbitrariness; Phonetics.

### Introdução

O estudo da linguagem humana tem sido bastante difundido em todo mundo através das diversas ciências ligadas à linguística. Porém, alguns temas ainda continuam inexplorados ou pouco abordados devido a talvez uma “inexpressividade linguística” de determinados fenômenos. Embora isso seja uma verdadeira ocorrência dentro das ciências da linguagem sabemos que esses julgamentos estão influenciados por uma



mentalidade preconceituosa que ainda não permitiu pesquisadores olharem de forma mais ampla para os mais corriqueiros, e não menos complexos, processos comunicativos.

Falantes de qualquer língua prestigiam ou marginalizam certas variantes regionais (ou pelo menos não as discriminam), a partir da maneira pela qual as sequências sonoras são pronunciadas. Assim, determinamos variantes de prestígio e variantes estigmatizadas. (SILVA, 2009, p.12)

É claro o prestígio de certas variantes em detrimento de outros falares regionais, e entende-se o fato de certos registros serem alvo de preconceito, embora isso não seja aceitável. O que este trabalho abordará é uma variante linguística muito discriminada, e mesmo que esteja incluída em falares regionais diversos, vai muito além disso, pois é registrada em todas as línguas: O palavrão. Como diz Pinker (2007, p.373), “assim como o resto da linguagem, é possível dizer que os palavrões são universais.”

Este trabalho, que se firma sobre uma pesquisa bibliográfica e digital o sobre o tema a ser abordado, não se aterá aqui à ocorrência dos palavrões, uma vez que é mais que provada que existem e fazem parte da dinâmica comunicativa das línguas humanas. Discutir-se-á, o porquê de sua existência, partindo do preceito de que o tabu gera o uso, a importância comunicativa dos calões e por fim concluir-se-á discutindo o tema chave desse trabalho que é a influência de determinados fonemas na tabuização desse grupo de palavras.

Essa abordagem contraria a ideia de arbitrariedade linguística saussuriana, pois uma vez que se discute essa influência fonética, fala-se de uma “escolha” de vocábulos pelo seu som que implica em seu significado. Muitos cientistas vêm se debruçando sobre a questão da influência fonética sobre a significação, sobre isso Calou e Leite (2005, p. 106) falam que

A fisionomia acústica de certas palavras, a sua composição fônica pode, muitas vezes, realçar seu sentido[...]há traços fonéticos que embora não sistematicamente usados nas oposições são frequentemente observados numa classificação dos sons. O critério acústico, por exemplo, tem sido levado a refletir sobre a impressão auditiva que tende a despertar um fonema. Alguns linguistas, na tentativa de apreender o valor expressivo dos sons, calcados numa impressão auditiva – que muitas vezes não se justifica do ponto de



vista acústico – fizeram algumas observações sobre a forma como vogais e consoantes impressionam diversamente o nosso ouvido.

## O tabu linguístico

Não se pode iniciar uma discussão sobre tabu sem explicitar o que venha a ser esse termo tão usado nos dias de hoje, geralmente quando se tem a intenção de destruir as barreiras sólidas que esse fenômeno ergue em volta de determinados temas nas diversas sociedades.

Gueiros (1979) classificou tabu como *sagrado-proibido* ou *proibido-sagrado*, e isso se atribui a qualquer coisa no mundo real ou mítico. O dicionário, entre varias das suas definições para tabu, cita: “escrúpulo sem justificativa ou fundamento positivo” (FERREIRA, 2004). As palavras de baixo calão, não diferente de qualquer outro tipo de tabu, respeitam tanto a regra da proibição por serem entendidas por profanidades, quanto a da proibição por um escrúpulo sem real entendimento, do que este venha a ser, por parte do falante e do ouvinte.

Analisando os tabus, ver-se-á que em princípio todos eles estão envolvidos em proibições por se temer algo superior ou desconhecido. Seja esse temor das forças demoníacas ou do castigo dos deuses. “As palavras exteriorizadas podem ter forças sobrenaturais benéficas ou maléficas, porém há palavras que não devem ser exteriorizadas a fim de se evitarem malefícios dos mesmos poderes. Estes vocábulos são tabus.” (Gueiros, 1979 p. 1). Na cultura cristã, muitas palavras sagradas acabam por não poderem ser proferidas, salvo em ocasiões especiais, por se tratarem de palavras relacionadas ao mistério de Deus. A própria Bíblia aconselha que não se deva tomar o seu santo nome em vão. Já outras palavras são temidas por serem associadas às maldades dos espíritos malignos sobre os homens.

Como afirmou Gueiros (1979), “supersticiosamente, as enfermidades são personificações, dotadas de espírito ou mesmo são espíritos maus”. Notadamente se tem um leque de palavras que recebem uma “carga semântica” por serem nomes ou variações de doenças, pragas, etc. Os próprios nomes dos espíritos malignos também estão nessa lista, pois também são muito usados para praguejar, embora no âmbito cristão, e muitas vezes até fora dele, sejam um dos maiores tabus, pois “não é em vão



que a ideia do mal provoca, até hoje, desconforto e receio [...]” (ALMEIDA; SANTOS; MOTA, 2009, p.4). Por exemplo, no seu artigo sobre os tabus do português no Brasil, Rodriguez (2009, p. 1) afirma que:

É conhecida a aversão à pronúncia popular da palavra *demônio* ou *diabo*. Palavras geralmente de origem grega, introduzidas pelo latim eclesiástico ou pelo baixo latim no vocabulário da igreja, são evitadas por considerar-se tabus por isso são geralmente evitadas por acreditar-se que a pronúncia do significante pode evocar o significado, neste caso algo que tem muito poder para o mal.

Mas também, existem aquelas palavras que não são proferidas, e essas na sociedade laica atual são as que configuram o maior número de tabus, por serem simplesmente inadequadas aos padrões sociais de bom comportamento. São as palavras sexuais e de excreção. Gueiros (1979) inclui esse tipo de tabu em outra categoria, dividindo os tabus no que ele chamou de Próprio: proibição de dizer certo nome ou palavra, que é atribuída força sobrenatural; e Impróprio: proibição por causa do sentido imoral ou grosseiro.

Embora o tema da sexualidade também seja encarado com grandes restrições não se pode negar o fato de ela ser parte essencial da nossa individualidade e da nossa sociedade. “Tanto o sexo quanto a sexualidade são socialmente construídos e organizados, sustentados por uma variedade de linguagens que buscam dizer o que pode e o que deve ser expresso” (BRAGA; RIBEIRO, 2009, p.1).

Nos materiais escatológicos encontra-se também um enorme campo para o estudo dos tabus linguísticos. “As palavras para líquidos corpóreos são tabus em muitas culturas, assim como os próprios fluidos [...]” (PINKER, 2007, p.392) e ao analisar o porquê dessas palavras serem consideradas tabus ver-se-á que o nojo é o principal fator que interfere nesse processo, pois

O componente mais forte da reação de nojo é o desejo de não comer a substância em questão, nem encostar nela. Mas também é nojento *pensar* nos fluidos corporais, assim como sobre as partes do corpo e as ações que os excretam, e, devido à involuntariedade da percepção da fala, é desagradável ouvir as palavras que as descrevem. (PINKER, 2007, p. 393)



Outro tema profundamente indesejado é o que se refere a classes sociais discriminadas. Pinker (2007) ao tomar como exemplo a palavra *nigger*<sup>1</sup> para falar desse tipo de tabu explica que essas palavras são também evitadas para que o falante que por ventura venha a falá-la não seja confundido como conivente de uma comunidade preconceituosa. E ainda esclarece o tabu:

Ouvir *niggeré* ter na cabeça, mesmo que por pouco tempo, a idéia de que haja algo de desprezível nos afro-americanos e, portanto, ser cúmplice de uma comunidade que padronizou aquele juízo colocando-o numa palavra. A mesma coisa acontece com outras imprecações tabus: só o fato de ouvir a palavra dá a sensação de que a moral está sendo corroída, portanto consideramos que elas não são só desagradáveis de ouvir. Não queremos nem pensar nela – isso é o tabu. (PINKER, 2007, p. 421)

Porém muitas palavras hoje em dia, sejam de qualquer um dos grupos citados, são usadas apenas para a descarga afetiva, muitos dos falantes não tem noção da raiz da palavra que usam para xingar e que também encaram como tabu. Sabe-se que com o tempo, como rege a lei da *diacronia linguística*<sup>2</sup>, muitas palavras se transformam, às vezes num processo de adequação vocálica, às vezes perdendo sua denotação principal. Porém, no caso de muitos vocábulos listados como calões, elas ainda são palavras proibidas, inadequadas para se falar em meio a um público educado.

Wilhelm Wundt citado por Gueiros (1979) diz que condensando certa força em determinado objeto, o primitivo cria o tabu que aos poucos vai se desligando do demonismo e acaba por se constituir como força independente, capaz de atuar por si só. (WUNDT, apud GUEIROS, 1979, p. 6). Enfim, o palavrão se configura como força independente, sem depender de nenhum outro parâmetro para ser proibido, ele exhibe certa força que estremece as regras cultas do bem falar, e os dogmas populares (ou não) daqueles que acreditam nas forças sobrenaturais.

<sup>1</sup> *Nigger* no inglês americano é uma palavra depreciativa que se refere aos afro-americanos.

<sup>2</sup> SAUSSURRE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. Princípios Gerais: Capítulo III.



## Os palavrões e seus vários usos

Inapropriados ao uso. Essa é a definição que comporta aos vocábulos tabus, e nenhuma outra ideia se encaixa melhor às palavras proibidas, pois essa, como já se discutiu, é a razão por elas serem o que são.

Entretanto, espantoso e curioso no estudo desse fenômeno linguístico, é a constatação de seu uso tão corrente e, pode-se dizer, tão indispensável. Pois mesmo com todo o temor e preconceito em volta desse tema, “em certos grupos cultos da sociedade moderna esse tipo de linguagem chega a ter prestígio, revelando atitude informal, até certo ponto desejada em determinadas situações.” (PRETTI, 1984, p.28). Mas o que causa essa atração nas bocas e mentes humanas, por algo que se sabe ser tão prejudicial a sua imagem social e até a sua “integridade espiritual”?

Embora essa forma de expressar-se esteja preconceituosamente ligada às “classes baixas”, já se viu que os tabus linguísticos e o ato de utilizá-los frequentemente fazem parte de muitas, e provavelmente, de todas as culturas humanas. Segundo PRETTI (1984), dividir em falares bem definidos o português no Brasil é difícil, e um dos principais motivos é o de que a língua portuguesa não é *diglósica*<sup>3</sup> como acontece em algumas línguas, a exemplo da diglossia árabe. Assim, especificidades dos falares que compõe a diversidade brasileira, acabam sendo constantemente incorporados uns nos outros. Portanto o que seria uma distinção nítida entre dialeto culto/popular, entre registro formal/coloquial, ficaria difícil de ser definida. Isso causa uma maior aceitação de formas de comunicação de um registro e dialeto por membros de outros, mesmo que essas formas um dia já tenham sido discriminadas por estes.

O uso dos palavrões pode ser parecido e confundido com o uso das gírias, como colocou a revista *Discutindo Língua Portuguesa*, no artigo assinado por Andréa Neiva onde ela se refere aos palavrões como *gíria obscena*. PRETTI (1984) também atribui aos palavrões especificidades gírias quando fala sobre a possibilidade de as palavras de baixo calão existirem nos contextos expressivos como reação de desabafo das classes

---

<sup>3</sup> Segundo a Enciclopédia Britânica, Diglossia é a coexistência de duas variedades, bem marcadas, em uma língua. Geralmente um é o dialeto literário (culto), e o outro é o popular falado pela maioria da população.



oprimidas frente à sociedade opressora. Porém, o que se percebe é que os palavrões falam diretamente do indivíduo que se utiliza desse recurso linguístico e não de um desabafo por uma consciência comunitária.

Cria-se com essa análise a consciência de que o uso dos palavrões está diretamente envolvido às situações *bio-psicológicas* de cada indivíduo. É preciso ter em mente que o Tabu é sim um fenômeno social, porém o fato de praguejar, xingar ou expressar-se usando algumas das palavras tabus é a necessidade e escolha de cada indivíduo. O *gatilho* que dispara o palavrão é a emoção individual de cada falante.

O próprio Pretti cita Émile Beneviste que escreveu: “a blasfêmia é realmente uma palavra que a gente deixa escapar sob a pressão de um sentimento brusco e violento, impaciência, furor, desgraça [...]” (BENEVISTE, apud PRETTI, 1984).

Pode-se dizer que esse tipo de linguagem está bem mais próximo do que é mais animal no ser humano do que se pode imaginar. Pensado desse modo, a questão do desabafo social cai totalmente por terra. Pinker ilustra essa afirmação quando ao falar de uma das formas de utilização dos palavrões diz: “essas explosões parecem emergir de uma parte profunda e antiga do cérebro, como o ganido de um cachorro quando alguém pisa em seu rabo, ou seu rosnado quando está tentando intimidar um adversário.” (2007, p. 32).

O que dá ao palavrão sua força é o sentido negativo que ele carrega. Como foi visto, embora esse sentido negativo proveniente da própria proibição, dos sentimentos ruins que a palavra possa despertar (nojo, medo, pecado) ou simplesmente pela convenção de um sentido carregado expressividade naquela palavra, esses vocábulos podem ser usados em variados contextos, já que o sentido denotativo dessas expressões não importa muito, mas sim, suas conotações ligadas às sensações que elas podem provocar em quem ouve.

As palavras usadas como calões referentes ao sexo ou a qualquer outro tema de tabuísmo são disfêmicas, ou seja, “remetem ao sentido mais desagradável do referente” (PINKER, 2007, p.398). Nas palavras ligadas ao sexo, que são a maioria desses disfemismos na sociedade atual, percebe-se uma conotação de força, superioridade masculina. Braga, depois de evidenciar a grande quantidade de ocorrências da palavra



*Pau* em sua pesquisa sobre repressão sexual através da linguagem, diz que “parece que esse nome tem um enorme valor para as pessoas quando citam sinônimos para pênis. Além da simbologia fálica, sugere algo agressivo, que pode ser empregado para matar, machucar [...]” (BRAGA, 2009, p.11). Versignassi e Burgos (2008) apontam o verbo *foder* como sinônimo de *estuprar* ou *fazer um grande mal*, e essa ligação se faz pelo fato que durante toda a história da humanidade o homem que fizesse muitos filhos nunca sofreria nenhum dano, ou ficaria impossibilitado de fazer algo, muito pelo contrário... Já para uma mulher que fosse pega a força e ficasse grávida isso seria de grande prejuízo. E continua com um teste: “complete a frase *João\_\_\_Maria* para mostrar que eles transaram, usando uma palavra. Quase todas as opções para preencher a lacuna são palavrões.” (VERSIGNASSI; BURGOS, 2008, p.56).

Se observado o exemplo acima se verá que existe uma diferença na sintaxe dos verbos que são usados com conotações sexuais, geralmente aprende-se na escola, ou em qualquer meio de educação sexual as formas socialmente sancionadas, neste meio os verbos deste campo semântico geralmente são transitivos indiretos e demonstram ações feitas conjuntamente como: *transar*, “*fazer amor*”, *etc.* Já a visão imposta por verbos utilizados em conversas “inapropriadas” para meios educados é uma visão mais negativa do sexo. Esses verbos geralmente são transitivos diretos como: *foder*, *comer*, *derrubar*, *etc.* Deste modo o sexo é visto como “ato de força, instigado por um macho ativo e infligido a uma fêmea passiva, explorando-a ou prejudicando-a” (PINKER, 2007, p. 406).

Existem várias palavras eufêmicas para cada tabuísmo que são usadas nos contextos onde as injúrias sejam totalmente proibidas, por exemplo: para *Porra*, tem-se a palavra científica *Esperma*; para *Foder* tem-se varias expressões como *fazer amor*, *fazer sexo* e *etc.* Poder-se-ia listar vários termos eufêmicos aqui, pois é grande a quantidade desses. Mas os palavrões são usados especialmente para demonstrar forte sentimento a quem estiver ouvindo.

Considerem-se as seguintes frases:

- a. – O meu time é o melhor, *caralho!*
- b. – Este *cabrunco* (objeto qualquer) não é meu, jogue na *porra* do lixo!



- c. – *Porra...* Meu chefe vai me despedir...
- d. – Eu *fodi* aquela loira todinha.

Se fosse pedido para que um leitor descrevesse as cenas após ler essas frases, certamente lhes atribuiria fortes explosões de excitação, de aborrecimento, de preocupação... Fato que não aconteceria se fossem tirados os palavrões, que em algumas frases estão apenas como indicativos de expressividade (como em *a*, *b* e *c*(*porra*), ou em outras fossem trocados por seus correspondentes denotativos corretos (como em *b*(*cabrunco*) e ainda por termos eufêmicos correspondentes (como em *d*).

Além disso, geralmente se toma a força semântica desse tipo de vocábulo, que como já se viu é proveniente de sua conotação negativa, para intensificar advérbios, adjetivos, ou, através dessa sua força, comparar algum outro substantivo a ela dando-lhe sentido igualmente forte, mesmo que o sentido que se queira dar seja de algo positivo. Em um blog na internet encontra-se um bom exemplo para este assunto, ao falar das conotações que a palavra *Cabrunco* pode assumir em determinados contextos: “Cabrunco- expressão usada para dar uma entonação mais forte à determinada coisa, no sentido bom ou ruim. Deriva de “carbúnculo”, doença bovina. Ex: O cigarro faz um mal do cabrunco; Ronaldinho é o cabrunco com a bola nos pés!” (RANGEL, 2009, p.1). O dicionário Aurélio também traz essa marca semântica de alguns vocábulos como em *Caralho*: “Pra caralho. 1. Bras. Chulo Em grande quantidade, força ou intensidade; à beça. [Tb. se usam as f. contratas *paca* e *pacas*.]” (FERREIRA, 2004); ou em “Porra. Bras. Chulo Exprime enfado, impaciência, desagrado, etc. [Var. (eufemicamente apocopada), nesta acepç.: *pô*.]” (FERREIRA, 2004). Maior (1988, p. 49) também cita a expressão, ainda hoje usada, “*Casa-do-caralho*. [...] 2. Diz-se do lugar que fica bem longe. O mesmo que o cu-do-mundo.”

Alguns vocábulos como estes citados por essa característica útil à comunicação rápida e efetiva estão em muitos meios perdendo a conotação de tabu. Embora em muitos outros ainda o sejam.

Sempre voltado e em meio às ondas de maior expressividade emocional os disfemismos podem ser usados, como já se pôde ver nos exemplos acima, em vários contextos diferentes. Pinker (2007, p.398) lista cinco formas diferentes onde os



palavrões podem estar inseridos: “descritiva (Let’sfuck [vamos trepar]), idiomática (It’sfuckedup [Está fodido]), agressiva (Fuckyou, mother-fuck! [Vá se foder, filho-da-puta!]), empática (Thisisfuckingamazing [Que puta legal]; *essa porra é boa mesmo*<sup>4</sup>), e catártica (Fuck!!! [Putaquepariu!!!]; *Peste!!!; Caralho!!![...]*)”.

Estes exemplos mostram como as palavras injuriosas podem variar muito de sentido de acordo com o contexto em que estão inseridas, e eles esclarecem muita coisa a cerca do uso desses vocábulos. Embora já se tenha uma grande noção das formas mais importantes onde esses termos acontecem não se deve esquecer que existem duas muito importantes e bastante usadas nas nossas comunidades de fala que é o palavrão usado nas relações íntimas e o palavrão como expletivo.

Ganem (2003), em texto disponibilizado virtualmente, da revista Ciência Hoje, fala da versatilidade que as palavras ofensivas adquirem e “[...] em muitos casos são usados para demonstrar carinho ou marcar proximidade entre amigos”. Ela analisou a pesquisa de um grupo francês sobre palavras obscenas e insultuosas. Segundo a responsável pelo texto o grupo parte do princípio de que “a palavra por si só não basta para configurar a agressão verbal. Fatores como a intenção e entonação de quem fala, a reação e interpretação do ouvinte e o contexto (meio, idade, classe social ou sexo dos envolvidos) devem ser levados em conta [...]” e completa com as palavras da linguista responsável pela pesquisa que diz que o palavrão em meio afetivamente próximo “por se tratar de uma forma de violência verbal que, como toda manifestação estremada, é mais marcante que qualquer outro elemento linguístico. Seria então um meio eficiente de chamar a atenção do próximo e não propriamente um insulto” (LAGORGETTE, apud. GANEM, 2003, p. 1). Pretti(1984) já havia falado sobre essa peculiaridade das blasfêmias linguísticas quando fala que em determinados contextos os palavrões talvez tenham perdido, pelo uso, seu poder injurioso, ganhando conotações afetivas e até carinhosa.

Tão confuso e intrigante também é o uso dessas *palavras proibidas* como expletivos. “A semântica dos expletivos é tão estranha quanto sua sintaxe.” (PINKER,

---

<sup>4</sup> Exemplos em itálico referem-se a exemplos diferentes e complementares aos originais da obra de Pinker com o intuito de figurar força expressiva mais próxima das formas usadas nos nossos falares já que o livro retrata em quase sua totalidade a realidade dos palavrões no inglês dos Estados Unidos da America.



2007, p. 411). Não existe razão óbvia para que elas apareçam desse modo em nenhuma frase, e a única explicação para que sejam usadas desse modo é a de que são apenas para chocar o ouvinte, dar ênfase a enunciação, e como já se sabe, mostrar certo sentimento forte envolvido no assunto, que não necessariamente precisa estar envolvido com o sentimento que se tem para com a coisa, que no enunciado o expletivo realça semântica.

Vejam-se os exemplos:

- a. “Me passe” o *caralho* do prato logo!
- b. Não venha com essa *porra* de conversa de novo não!
- c. Eu fui a pé “na” *peste* da casa do Paulo ontem. Fica na *casa-do-caraio*.

O psicólogo Richard Stephens liderou uma pesquisa que chegou a conclusão de que falar palavrão pode diminuir dor física. Segundo o site da BBC Brasil (2009, p.1) “O que está claro é que falar palavrões provoca não só uma resposta emocional, mas também uma resposta física”. Stephens diz que a “pesquisa mostra uma razão potencial para o surgimento dos palavrões, e por que eles persistem até hoje” (STEPHENS, 2009, p.1). Outro estudo da Universidade de Norwich, apontado no mesmo texto, comprovou que falar palavrões ajuda a diminuir o estresse no ambiente de trabalho, afirma o site.

Essa ligação dos palavrões com reações biológicas é fortemente entendível, uma vez que sentimentos também fazem parte da biologia humana, ou seja, tudo em nosso corpo é comandado e passa pelo cérebro e é nele obviamente que os segredos que cercam esses tabus estão escondidos.

### **Palavrão: um signo arbitrário?**

Todo aquele que se debruçar sobre os estudos da linguagem, irá ser conduzido aos estudos de Ferdinand de Saussure, que iniciou, de forma científica, os estudos sobre os meandros que a linguagem verbal traz em sua complexidade.

Uma das principais peças do “quebra-cabeça” saussuriano é a definição do signo linguístico. Para Saussure o signo é a união de dois termos: o significante e o significado. Segundo Saussure “esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro” (SAUSSURE, 2006, p.80).



O significante chamado anteriormente, em sua própria obra, de imagem acústica, seria a impressão psíquica que temos e que nos faz compreender quando ouvimos ou falamos uma palavra e não outra qualquer para designar um objeto, uma situação, etc. Por exemplo: antes mesmos de falarmos “carroça” já temos em nossa mente a impressão dessa palavra, esse é o fato que nos possibilita conversarmos sozinhos sem ao menos mover os lábios ou emitir qualquer som.

O significado seria o conceito, a ideia que temos do que vem a ser esse objeto, ou seja, carroça será sempre um meio de transporte tracionado por animais, e nunca será um automóvel ou uma bicicleta. O conceito naturalmente vem antes da imagem acústica, já que esta é aprendida de acordo com a sociedade linguística em que o falante está inserido. Aquela seria proveniente do conhecimento que o ser humano obtém do mundo através das impressões que esse tem por meio dos seus sentidos.

Sabido o que vem a ser o signo linguístico, e sua composição segundo Saussure, partamos para o primeiro princípio da linguística saussuriana: a Arbitrariedade do signo.

Para o precursor da linguística moderna o que une significado e significante é uma relação arbitrária, ou seja,

A ideia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons m-a-r que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual; como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes. (SAUSSURE, 2006, p.82)

Sob esta ótica Ferdinand de Saussure despreza em parte as onomatopeias e as exclamações, sob a alegação de que essas acontecem em numero inexpressível para serem levadas em conta. Porém, já que neste trabalho aborda-se a questão das palavras de baixo calão e seu uso, o estudo sobre, principalmente as exclamações seria de grande valia. O que mostra o quanto é necessário para o estudo de uma língua todos os seus aspectos e variações.

Embora Saussure afirme que o signo seja arbitrário, percebe-se uma possível tendência que alguns léxicos têm de concentrar certos fonemas em suas palavras. A



regularidade de alguns fonemas presentes no léxico dos palavrões é o que induz a incerteza sobre a arbitrariedade do signo saussuriana.

Os tabuísmos fazem parte de um fenômeno mais amplo conhecido como a magia das palavras. Embora um dos fundamentos da linguística seja a arbitrariedade da associação entre som e significado, a maioria dos seres humanos tem uma intuição diferente. Tratam o nome de uma entidade como parte de sua essência, de forma que o simples fato de enunciar um nome é encarado como uma forma de afetar seu referente. Encantamentos, feitiços, orações e pragas são maneiras de as pessoas tentarem afetar o mundo com as palavras, e tabuísmo e eufemismos são maneiras de as pessoas tentarem *não* afetá-lo. (Pinker, 2007, p.377)

A “magia das palavras”, da qual fala Pinker, pode ser entendida como a impressão acústica que certos fonemas causam aos ouvidos humanos, de modo a serem inserido em um contexto “material” da palavra. Essa força “material” que a palavra adquire não está apenas na força dos seus fonemas, mas faz parte também de um todo onde também devem ser levados em conta aspectos socioculturais. Pinker (2007, p.386) ainda fala as características que os sons ligados às “más palavras” tem: “as imprecações tendem a usar sons percebidos como rápidos e rudes. Elas tendem a ser monossílabas ou troqueis, e contêm vogais curtas e consoantes oclusivas [...]”

Se fizermos uma pequena lista de palavras da língua portuguesa que são consideradas calões, perceberemos em quase todas que os sons oclusivos estão em suas formações ou são palavras que possuem forte carga negativa. Como por exemplo: *porra, cabrunco, caralho, bosta, diabo*, etc.

As impressões que os fonemas causam, desde muito tempo já geram inquietações àqueles que se debruçam sobre a observação da linguagem humana. Como citam Calou e Leite (2005, p.106):

Os antigos gramáticos já tinham feito isso ao adotarem as denominações de sibilante, chiente, vibrante, rolado, líquida, aspirado etc. Foi considerando essa impressão auditiva que Quintiliano definira o /m/ como *littera mugiens* e os Roma nos, segundo Faria (1933), Consideravam o /r/ *littera canina* (o seu som lembrava o rosar de um cão). É comum encontrarmos observações do tipo: as dentais são estridentes; as labiais e posteriores são abafadas; as vogais que têm seu ponto de articulação na parte anterior do palato são claras, as que são mais fechadas (i e u) podem ser consideradas agudas (são próprias para exprimir ruídos agudos)[...]



## Conclusão

Falar sobre vocábulos específicos, assim como é o caso dos palavrões, pode gerar um grande debate. Primeiro porque é um grupo de palavras que, em quase toda a sua totalidade, persiste nos léxicos atuais por uma característica que vai além da simples comunicação verbal, elas são uma convencionada forma para a materialização de sentimentos, e por isso não se pode estudá-los a luz apenas da linguística e suas ciências afins.

Em segundo lugar, esses vocábulos sofrem grande discriminação, e podem ser considerados os primeiros alvos na lista do tão discutido e conhecido preconceito linguístico. E esse preconceito, como foi visto acima, não é simplesmente social, mas sim um repúdio que nasce dos maiores medos da alma humana: o pecado, a blasfêmia, o mal, etc.

Os calões têm uma grande força expressiva e psicológica, tanto para o receptor quanto para o emissor da mensagem injuriosa. Essa força é notadamente subjetiva, de ambos os lados dos sujeitos da comunicação e ao mesmo tempo é autônomo pois

o tabu se origina do temor às forças demoníacas: “condensando estas forças num determinado objeto, o primitivo cria o tabu que depois se vai desligando pouco a pouco do demonismo e se constitui como força independente, capaz de atuar por si mesma. (WILHELM WUNDT, apud. GUEIROS, 1979, p. 6)

Pelo que foi visto, essa força é inspirada ou inspira a formação de termos, para designar a maioria desses tabus linguísticos, compostos por fonemas distintos, geralmente esses sons marcam a força semântica desses vocábulos também no ato da pronúncia, assim a palavra passa de simples arranjo de sons a impressão sensorial, “real”, e essa predisposição humana pode ser explicada cientificamente, pois como diz Pinker (2007, p.378) “o sabor emocional das palavras parece ser definido durante a infância: é comum que pessoas bilíngues não achem seu segundo idioma tão picante quanto o primeiro [...]”

Partindo desse pressuposto, pode-se dizer que existe sim uma predisposição na linguagem, mesmo que de forma não muito clara, para a não-arbitrariedade do signo. Pois, os tabus são um exemplo da “escolha” de determinado fonema em uma palavra para deixá-la mais “pesada”, “afiada” ou “suave”. Assim, também fica explícito a



influencia que a composição fônica exerce sobre as palavras dando-lhes “vida”, “textura”, “sabor” e etc.

## Referências

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz.** 47ª ed., São Paulo. Loyola, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da Linguagem.** 2ª ed., São Paulo. Ed. Hucitec, 1981.

BRAGA, Eliane Rose Maio; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Palavras, “palavrões”:** Um estudo sobre a repressão sexual a partir da linguagem empregada para designar a genitália e práticas sexuais, na cultura brasileira, <<http://www.anped.org.br/reuniões/31ra/1trabalho/gt23-4982--int.pdf>> acesso em: 05 de nov. 2011.

Encyclopedia Britânica On-line. Disponível em: <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/163385/diglossia>>. Acesso em 10 de Out. 2011

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio.** Correspondente a 3ª ed. Ed. Positivo. 2004

GUEIROS, Rosário Farâni Mansur. **Tabus linguísticos.** São Paulo: ed. Nacional, [Curitiba]: Ed. Da Universidade Federal do Paraná, 1979.

MAIOR, Mário Souto. **Dicionário do palavrão e termos afins.** 4ª ed. Rio de Janeiro. Record, 1988.

PINKER, Steven. **Do que é feito o pensamento.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PRETI, Dino. **A Gíria e Outros Temas.** São Paulo. Ed. Da Universidade de São Paulo, 1984.

SAUSSURE, Ferdnande de. **Curso de linguística geral,** 27ª ed., São Paulo, Cultrix, 2006.

SILVA, Thaís Cristóforo. **Fonética e Fonologia do Português:roteiro de estudos e guia de exercícios,** 9ª ed. São Paulo. Contexto, 2009.

Recebido Para Publicação em 05 de janeiro de 2013.

Aprovado Para Publicação em 01 de março de 2013.